

A QUESTÃO DE GÊNERO NA REVISTA SOCIOLOGIA ONLINE: uma análise sociológica

THE GENDER QUESTION IN THE ONLINE SOCIOLOGY REVIEW: a sociological analysis

Andreine Lizandra dos Santos¹

Resumo: O objetivo desse artigo é analisar a contribuição do conteúdo de uma revista *online* como material de apoio na elaboração das aulas do ensino médio na disciplina de Sociologia. Para isto, o tema escolhido é a questão de gênero, na revista *Sociologia Ciência e Vida* da Editora Escala, período de agosto de 2015 a agosto de 2017, editada bimestralmente. Realizou-se uma pesquisa bibliográfica e análise de conteúdo, que resultou na criação de três categorias. Com efeito, relacionou-se o referencial teórico com a contribuição para a elaboração das aulas do ensino médio na disciplina de Sociologia. Ao todo foram treze edições analisadas, que apontaram para o quanto o tema em estudo é tratado de forma restrita, mas também o potencial da temática na revista na atualidade.

Palavras chave: Sociologia. Análise de conteúdo. Revista *online*. Gênero.

Abstract: The aim of this article is to analyze the contribution of the content of an online magazine as a supporting material in the elaboration of high school classes in the discipline of sociology. For this, the theme chosen is the question of gender, in the journal *Sociology Science and Life* of Escala Publisher, period from August 2015 to August 2017, edited bimestrally. We conducted a bibliographic research and content analysis, which resulted in the creation of three categories. In fact, the theoretical framework was related with the contribution to the elaboration of high school classes in the discipline of sociology. Altogether, thirteen editions were analyzed, which pointed to how much the subject under study is treated in a restricted way, but also the potential of the theme in the journal nowadays.

Keywords: Sociology. Content analysis. Online magazine. Gender.

1 INTRODUÇÃO

Vivemos na era da globalização, em que o mundo se interliga por comunicação, informação, experiência e aprendizado. Não se pode dizer que somente um ou outro sejam suficientes para a compreensão das questões sociais na sociedade complexa em que vivemos.

As instituições de ensino, em sua maioria, buscam produções científicas nos cursos de graduação, fazendo com que seu corpo discente venha a produzir conhecimentos realmente importantes para a vida de seu aluno. Após o término dessa graduação, tem-se a especialização, que é um complemento importante e que se

volta para o estudo de novas temáticas investigativas que surgem após a graduação.

Com isso, um curso de pós-graduação pode ser uma alternativa para todas as áreas, e não só do ensino, e que vem auxiliar o profissional na sua complementação após a graduação. Além disso, nenhuma prática pode ficar sem ser resposta aos objetivos propostos pelo mercado de trabalho, e, especialmente, para a compreensão das questões sociais. Assim, é preciso voltar-se para o ser humano, o que é possibilitado pelo forte embasamento do curso de Especialização no Ensino de Sociologia no Ensino Médio, proposto pela Universidade Federal de Santa Maria.

¹ Tutora presencial da Universidade Federal de Pelotas do Curso de Licenciatura em Filosofia a Distância.

Busca-se com o Ensino da Sociologia voltar-se para a sociedade, pensar nela como o lugar, o espaço em que se vive e olhar para seus elementos com a reflexão necessária de estar fazendo sentido ao ocupar este espaço. Professores e alunos são os indivíduos que, além de ocuparem um dos lugares mais formais, que é a escola, estão também em espaços informais como a família e a comunidade em geral. São indivíduos que podem e devem trocar experiências entre si e que vão buscar o conhecimento de uma forma particular, tendo em vista estarem no espaço escolar.

Além disso, as nossas desigualdades são imensas, e, portanto, de difícil posicionamento, exigindo reflexões e diálogo a respeito dos problemas do entorno, como os temas sociais. Bourdieu (2004) afirma que é muito fácil dar autonomia reflexiva quando se fala em dar vida em sociedade, porque a vivemos diariamente.

Por isso, deve o professor considerar todo material de apoio que puder alcançar, sendo que as escolhas são muitas, mas cabe a ele analisar a melhor forma de usar as ferramentas que estão disponíveis. Neste artigo far-se-á uma análise de conteúdo da revista Sociologia Ciência e Vida da Editora Escala que se encontra sob a forma impressa e *online*, no período de agosto de 2015 a agosto de 2017, editada bimestralmente e assinada por muitas escolas de ensino médio.

A *internet* é um repositório de apoio para todas as áreas do conhecimento, além, de possuir revistas *online* de todas as espécies que precisam ser analisadas antes de serem usadas nas salas de aula como ferramenta e material permanente de estudo. A problemática escolhida são os direitos humanos, que englobam questões de gênero, e, para isso, procura-se verificar a sua exposição na mídia virtual analisada, refletindo-se sobre o conteúdo para alunos do ensino médio.

Dessa forma, justifica-se não ser aleatória a inclusão da disciplina Sociologia no ensino médio, uma vez que ela contribui para a formação humana do jovem.

É necessário, pois, que os jovens realizem aprendizagens sobre o seu entorno, considerando informações que estão nas mídias em geral, podendo o professor mostrar como parte desse todas as revistas *online*, fontes múltiplas de ideias de todo o tipo. Eis aí a reflexão necessária do proposto por este artigo, analisar uma revista *online* e ver sua aplicabilidade nas aulas de Sociologia, não esquecendo o tipo de revista que é, público que quer atingir, e principalmente pensar no tipo de questionamentos que se pode fazer a partir dela.

Inicialmente será apresentada uma revisão bibliográfica sobre o ensino da Sociologia no ensino

médio, a questão de gênero na escola e a revista *online* como apoio pedagógico. Posteriormente, será exposta a metodologia utilizada na pesquisa aqui apresentada. Em seguida, serão trazidos os resultados e a discussão, através das categorias de análise. O artigo é finalizado com a conclusão.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O ENSINO DA SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO

Segundo Giddens (2005), a sociologia ocupa um espaço em que se estuda a vida social e suas dinâmicas como um todo, e também dos grupos que a compõem. É um campo do conhecimento que investiga as relações de conflito e conexões entre todos os grupos de indivíduos. Além disso, dedica-se a buscar compreender as razões do comportamento coletivo das pessoas, que vem mudando a cada segundo. A importância dessa área do conhecimento está em observar o entorno sob vários ângulos, até porque muitos comportamentos parecem normais, entretanto são ações que têm uma raiz diferente, e é função do sociólogo diagnosticar e analisar o meio social em que ocorrem, as influências e as experiências. É importante conhecer as forças que atuaram naquele contexto.

Com a diversidade de culturas que se tem no mundo e conseqüentemente de grupos sociais, Giddens (2005) declara que a sociologia abrange uma imensidão de temas que são alvo de pesquisas, como a política, o trabalho, a religião, a sexualidade, a raça, o gênero, a pobreza etc. Por tudo isso, é uma área envolvente, tendo em vista as vastas interpretações e fenômenos que se podem pesquisar. Com efeito, as possibilidades são infinitas, em que mesmo questões que parecem ser individuais se tornam amplas, pois a imaginação é que faz com que venhamos a habitar o ambiente social.

Como disciplina, a Sociologia faz parte da grade curricular do ensino médio pela Lei nº 11.684, de 02 de junho de 2008, que altera o art. 36 da Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, pois desde 1971 fora abolida pelo governo militar. A Lei de 2008 determina as seguintes alterações na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996:

Art. 1º O art. 36 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com as seguintes alterações: “Art. 36”. IV – serão incluídas a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias em todas as séries do ensino médio. Art. 2º Fica revogado o inciso III

do § 1º do art. 36 da Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação. Brasília, 2 de junho de 2008; 187º da Independência e 120º da República (BRASIL, 2008, p. 1).

Essa questão é revista a partir da publicação da Lei 13.415, de 16 de fevereiro de 2017, em seu art. 3º, que é um acréscimo ao art. 35, da LDB, que declara:

A Base Nacional Comum Curricular definirá direitos e objetivos de aprendizagem do ensino médio, conforme diretrizes do Conselho Nacional de Educação, nas seguintes áreas do conhecimento: I - linguagens e suas tecnologias; II - matemática e suas tecnologias; III - ciências da natureza e suas tecnologias; IV - ciências humanas e sociais aplicadas. § 1º A parte diversificada dos currículos de que trata o caput do art. 26, definida em cada sistema de ensino, deverá estar harmonizada à Base Nacional Comum Curricular e será articulada a partir do contexto histórico, econômico, social, ambiental e cultural.

O § 2º apresenta que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) referente ao ensino médio incluirá obrigatoriamente estudos e práticas de educação física, arte, sociologia e filosofia.

A BNCC é um documento novo e que no ensino médio ainda não foi implantado, mas que virá unificar a educação em suas três redes, ou seja, como ela mesma declara, é um banco comum, que tem como fim não distanciar as escolas privadas e públicas principalmente em sua forma curricular. Sabe-se que quanto às disciplinas de Português e Matemática há garantia de implantação no currículo como tais, porém, já a Sociologia é citada como parte do componente curricular das Ciências Humanas, cabendo ao aluno escolher na sua matrícula os componentes que melhor lhe convierem, bem como devendo a escola oferecer de acordo com suas possibilidades os seus componentes.

A finalidade da Sociologia é a de permitir aos alunos a compreensão das relações sociais que o cercam, como as questões familiar, política, econômica, religiosa, escolar e da comunidade em geral, etc. Faz com que aumente a qualidade da educação, pois contribui para que tenhamos alunos cidadãos, indivíduos éticos e agentes de suas próprias histórias, sem que outros os conduzam através de opiniões que não são a deles.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de 1999 (BRASIL, 2000), que trazem orientações para todas as disciplinas, propõem quanto a Sociologia que deve ser trabalhada em conjunto com outras discipli-

nas de forma articulada para qualificar o aprendizado como transformador.

Por abarcar uma infinidade de temas, a questão de gênero entra nessa discussão por se tratar de uma questão do cotidiano e estar implícita em todos os currículos. Entretanto, na Sociologia tem um caráter de contribuir para uma postura mais crítica do aluno. E, além disso, no mundo em que vivemos, as relações sociais se fazem essenciais, e o entendimento sobre as questões de gênero deve acompanhar as mudanças da sociedade, para acabar com padrões preestabelecidos e possibilitar uma cultura de respeito e paz, revendo “preconceitos” que muitas vezes viraram senso comum. Deve-se fugir do que é normal ou natural. Por isso, o profissional da Sociologia deve ter clareza quanto ao campo em que atua e, quanto à questão de gênero, atentar-se nas abordagens de outros autores, pois muitos materiais, livros, revistas, artigos que encontramos por aí estão repletos de opiniões formadas, como esclarece Bittencourt no que se relaciona ao livro didático:

O livro didático é um importante veículo portador de um sistema de valores, de ideologia, de cultura. Várias pesquisas demonstram como textos e ilustrações de obras didáticas transmitem estereótipos e valores dos grupos dominantes, generalizando temas, como família, criança, etnia, de acordo com os preceitos da sociedade branca burguesa (BITTENCOURT, 2004, p.73).

A autora esclarece que é preciso ficar atento aos estereótipos criados nessas mídias, é preciso uma leitura e uma interpretação das “entrelinhas”, desvelando os interesses e o jogo de poder implícitos no texto. O professor também deve ter consciência de que seu aluno é detentor de opiniões e informações, e sua função é questionar o aluno, para que então se siga a reflexão a respeito do seu entorno. Assim, a Sociologia é uma disciplina que poderá desenvolver conteúdos e metodologias que promovam uma reflexão mais aprofundada sobre a questão de gênero.

2.2 O GÊNERO NA ESCOLA

Guedes (1995) declara que de uns anos para cá tem sido difícil conceituar-se a palavra gênero, pois há quem se refere a política, as espécies homem e mulher, a arte, a literatura etc. Por isso, Ferreira (1986, p. 844) definiu como “categoria que indica, por meio de designações, uma divisão dos nomes baseada em critérios tais como sexo e associações psicológicas”. Dessa forma, tem-se perspectivas sociais, culturais e biológicas que podem ser trabalhadas no que diz respeito a gênero.

Segundo Barreda (2012, p. 6),

[...] o gênero pode ser definido como uma construção social e histórica de caráter relacional, configurada a partir das significações e da simbolização cultural de diferenças anatômicas entre homens e mulheres. [...] implica o estabelecimento de relações, papéis e identidades ativamente construídas por sujeitos ao longo de suas vidas, em nossas sociedades, historicamente produzindo e reproduzindo relações de desigualdade social e de dominação/subordinação.

Essa autora fala nos papéis masculinos e femininos, e como ao longo da vida a sociedade em geral atribui papéis diferentes a cada um, o que recai na discriminação de ambos, bem como na importância que cada um possui. Ela ainda reitera que homens e mulheres sempre tiveram diferentes formas de educação ao longo da vida, o que fez com que também ocorressem códigos de conduta diferenciados aos sexos, e essa desproporcionalidade veio a criar uma cultura de poder.

Silva (2013) também concorda em que a escola deve apresentar os conhecimentos de gênero e reconhecer que a sociedade é dinâmica, bem como transmitir valores éticos e promover a quebra do preconceito e das atitudes de alunos e professores. É preciso que entre nessa discussão a questão da diversidade. Lévi-Strauss (2006) refere-se à diversidade de culturas em que engloba questões: sociais, culturais, políticas, sexuais, econômicas, jurídicas, de gênero, de raças, etnias, credos e assim sucessivamente. A diversidade engloba as relações de gênero, que, conforme Scott (2009), são categorias que devem ser discutidas e debatidas, para as quais a escola é o lugar mais apropriado, tendo em vista ser um espaço público de maior diversidade.

Pensando nos alunos em sala de aula, apresentados como uma pluralidade de sujeitos, é importante não esquecer das suas identidades que vêm se transformando cada vez mais em nossos dias. Além disso, cabe ressaltar a importância da Sociologia nesse cenário, visto que mesmo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS) de 1998 já traziam como temas transversais as questões de gênero, ligadas à sexualidade, ao feminino e masculino, e aos padrões de representação social e cultural e das diferenças biológicas dos sexos. Essas representações são importantes para a constituição da identidade do indivíduo, e a Sociologia vem propondo discussões com educandos sobre a importância de valorizar a igualdade dos gêneros e que cada um tem presente a sua dignidade como cidadão, e, por isso, a não discriminação de qualquer tipo.

2.3 A REVISTA *ONLINE* COMO APOIO PEDAGÓGICO

A sociedade atual vem passando por muitas mudanças, e a influência dos meios de comunicação como formadores de opinião é inquestionável. Essas mudanças trouxeram como consequência a criação e a inovação de meios de comunicação, que acabaram por mudar o cotidiano das pessoas. A intensidade com que a sociedade vem sendo impulsionada pela tecnologia vem obrigando as pessoas a se adaptarem a essa nova realidade.

Para os jovens, essa nova forma de utilizar-se da informação e da comunicação é bastante atrativa, o que implica uma nova forma de aprender. A globalização, sem sombra de dúvidas, é uma das impulsionadoras dessa nova forma de ver a educação. Nesse sentido, o professor pode utilizar-se de revistas *online* e outras ferramentas para o ensino da Sociologia, porém, é preciso que a matéria seja selecionada e previamente conhecida para que atinja os objetivos dessa disciplina. Não há mais fronteiras para a comunicação, e as mídias e tecnologias estão por toda parte. Por isso, torna-se difícil desprender-se delas, e o grande desafio é adequar o modelo tradicional de educação ao uso das tecnologias e das mídias, pedagogicamente. De acordo com Moran (2000, p. 23):

Não se trata de dar receitas porque as situações são muito diversificadas. É importante que cada docente encontre o que lhe ajuda mais a sentir-se bem, a comunicar-se bem, ensinar bem, ajudar os alunos a que aprendam melhor. É importante diversificar as formas de dar aula, de realizar atividades, de avaliar.

De acordo com os PCNs do ensino médio, na área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias são consideradas competências básicas: “entender os princípios das tecnologias da comunicação e da informação, associá-las aos conhecimentos científicos, às linguagens que lhes dão suporte e aos problemas que se propõem a solucionar”. Por isso, a importância do uso das revistas *online*, nas quais o aluno precisa aprender a selecionar o material que acessa e, em épocas de matérias falsas que são produzidas em massa no meio eletrônico, verificar a sua veracidade é outro aspecto importante.

A escola não pode ficar alheia às mudanças da atualidade, pois o aluno é seu centro, e, dessa forma, é preciso encontrar estratégias que o aproxime da realidade em que vive, não ficando restrita à transmissão de conteúdos, via livro didático e, algumas vezes, descontextualizados. Conforme Moran (2002), a escola deve estar atenta aos acontecimentos nos meios de comuni-

cação e contextualizá-los em sala de aula e então dialogar com os alunos sobre a necessidade de filtrarem os conteúdos acessados e usá-los com responsabilidade, indicando a importância da pesquisa para a aprendizagem.

Segundo Masetto (2000), o importante, neste processo dinâmico de aprender pesquisando, é que o professor use técnicas e recursos para a efetivação do uso adequado das Tecnologias de Informação e de Comunicação, ou seja, uma integração entre o tradicional com a inovação, unindo a escrita com o audiovisual, texto com hipertexto, o virtual e o presencial. Por isso, conforme Moran (2000), cada educador deve encontrar seu meio de inserir a tecnologia em sala de aula, mas antes saber dominá-la e com isso buscar no *online* matérias que sejam de interesse dos alunos e que também venham a proporcionar a aprendizagem.

Mesmo revistas com fins educativos possuem seus estereótipos de gênero. Por isso sugere-se que os professores levem ao debate dentro das salas de aula reportagens, imagens, anúncios, filmes e tudo o que puder ser usado das referidas revistas como meio de reflexão. Enquanto a mídia aponta para cultura ora machista, ora feminista, o educador pode levar ao debate esses aportes, adaptando o conteúdo de acordo com a série e as turmas para que vier a lecionar. Da mesma forma esses recortes vêm abraçar todo o entorno social do aluno, crivado de preconceitos e violências de todos os tipos.

Neste trabalho se quis analisar como as questões de gênero são abordadas na revista, já que, em muitas situações, se percebe que o enfoque recai sobre as diferenças biológicas entre homens e mulheres, sendo explicadas muitas vezes superficialmente, e, como referido anteriormente, somente pelo fator reprodutivo. O ensino da Sociologia tem o papel de ressignificação das relações, e, por isso, é importante desnaturalizar e possibilitar o estranhamento quando se constroem novas formas de pensar, o que é o papel dessa disciplina. Assim, essa análise de conteúdo vem proporcionar uma reflexão sobre como as matérias são apresentadas na revista, que tem um cunho educacional.

3 METODOLOGIA

A fundamentação visa firmar a pesquisa em aportes que, conforme Wainer (2007), não só vão resumir e ser coletados em artigos, livros e documentos, mas sustentar posições para a pesquisa realizada. Para Silva e Menezes (2005), a pesquisa pode ser embasada em material que já fora publicado e que atualmente encontramos na *internet*.

Com efeito, neste artigo, utiliza-se, além da revisão da literatura necessária, a análise e a interpretação das falas encontradas nas revistas analisadas, pois é importante conversar com o entorno de forma crítica. Não esquecendo que os resultados das análises estão abertos e são compartilhados em várias direções. No momento em que se quantificou um número de revistas que é, conforme Wainer (2007), em um primeiro momento, baseada em medida geralmente numérica, quis-se fazer o que, segundo Silva e Menezes (2005), traduzir em números as matérias, opiniões e as informações, o que torna fácil a inserção de dados, bem como sua análise. Nesse sentido, mostra-se o número de matérias apresentadas durante o período de recorte da revista, que foi escolhida por apresentar seu conteúdo na forma *online* e também impressa, bimestralmente. A revista escolhida foi “Sociologia Ciência e Vida”, da Editora Escala no período de agosto de 2015 a agosto de 2017.

Elegeu-se a análise de conteúdo para a realização deste estudo, que, conforme Moraes (1999), teve sua origem no séc. XIX. Entretanto foi ao longo do século XX que foi mais desenvolvida, principalmente na área das Ciências Sociais. Segundo o mesmo autor, trata-se de uma metodologia que vem descrever e interpretar o conteúdo de todo tipo de documento e texto, que conduzem a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas. Com isso, contribui para a reinterpretação das mensagens, até que a compreensão dos significados atinjam um nível que vai além de uma simples leitura.

Berelson (1984) foi um dos primeiros a definir análise de conteúdo, e a definiu na década de quarenta do século XX como uma forma de descrever a manifestação da comunicação como objetiva sistemática e quantitativa. Entretanto, também existem, segundo Campos (2004) críticas a Berelson, pelo fato dele usar negações como forma de objeto de suas análises. Bardin (1977) a definiu como um conjunto de análises das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos para descrever o conteúdo das mensagens. Mesmo assim, a autora considera o fato de que o conceito proposto por ela não é suficiente, pois existe a inferência de conhecimentos que se relacionam às condições de recepção, à forma como recebem. A mesma autora (BARDIN, 1977, p. 25) afirma: “O ato de inferir significa a realização de uma operação lógica, pela qual se admite uma proposição em virtude de sua ligação com outras proposições já aceitas como verdadeiras”. Bardin tem a intenção de mostrar quão relevante é o fazer inferências ao analisar o conteúdo. Caso con-

trário, fica difícil suportar mensagens sem dar embasamento à parte teórica e também às concepções de mundo de quem produz as mensagens e de quem as recebe.

Para que a análise de conteúdo fosse utilizada, selecionou-se como *corpus*, a revista *Sociologia Ciência e Vida*, da Editora Escala, no período de agosto de 2015 a agosto de 2017, editada bimestralmente. Em especial, foram escolhidas as matérias que tratam da questão de gênero. A partir disso, estabeleceram-se categorias de análise. É importante ressaltar que o presente tema foi escolhido por ser recorrente no local de trabalho da pesquisadora, uma escola pública que atende turmas do ensino médio e tem suscitado algumas dúvidas, tanto no corpo discente quanto no corpo docente. Além disso, aparece de forma recorrente nas diversas mídias atuais.

Foram estabelecidas três categorias de análise, que são: discriminação social a partir das questões de gênero, a mulher entre o público e o privado e, por fim, espaços de poder.

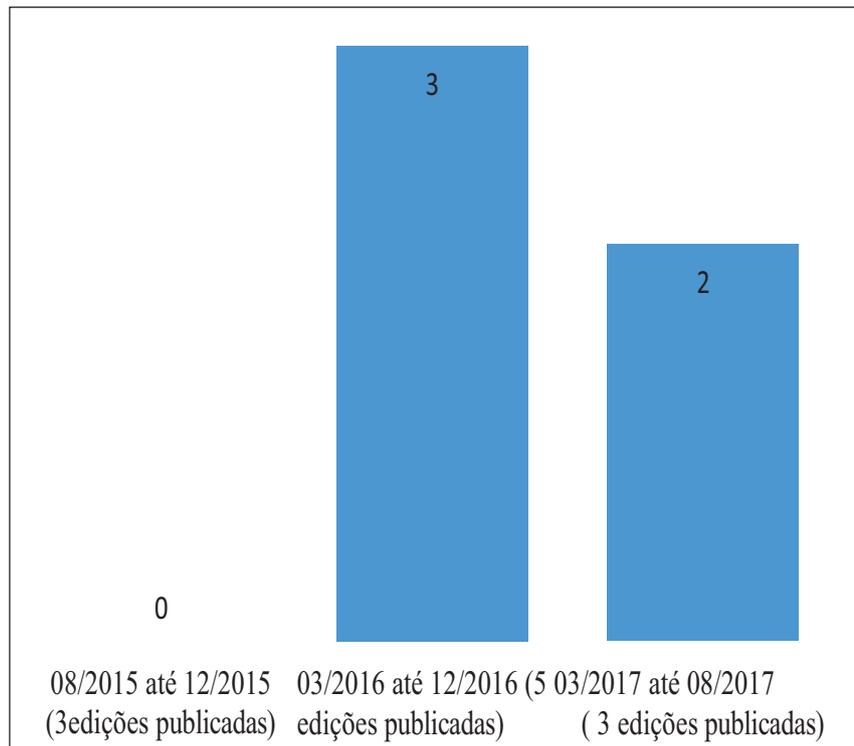
Ressalta-se que a presente caracterização é de extrema importância, possibilitando expressar os significados das mensagens captadas, no caso, as matérias analisadas. O esforço na criação das categorias possibilita a análise de como as questões de gênero são abordadas e a possível contribuição do uso da revista para o ensino de Sociologia.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 QUANTO À QUESTÃO QUANTITATIVA DAS MATÉRIAS

Em um primeiro momento, foram selecionadas as revistas do período a ser analisado, compreendido entre as edições sessenta do mês de agosto de dois mil e quinze até a edição setenta e um do mês de agosto de dois mil e dezessete, totalizando onze revistas analisadas. No gráfico 1, tem-se a quantidade de vezes em que a questão é tratada por ano nesse período.

Gráfico 1 – Quantidade de matérias sobre a questão gênero, publicadas no período 08/15 a 08/17



Fonte: Pesquisa da autora (2018).

O gráfico 1 mostra as onze edições desse período, em que, de 08/2015 até 12/2015, nas três edições, não ocorreu nenhuma referência; no período de 03/2016 até 12/2016, nas cinco edições, obtiveram-se cinco matérias que fizeram referência no conteúdo daquelas revistas, e de 03/2017 até 08/2017 em três edições publicadas, duas trataram do tema.

4.2 AS CATEGORIAS

Para demonstrar como a questão de gênero é abordada nas matérias selecionadas, foi elaborado um quadro em que foram retiradas das revistas as frases, tal qual constam nelas, e a partir disso elaboradas categorias de análise.

Quadro 1 – Categorias e referências na revista

Categorias	Referências na revista
(a) Discriminações sociais a partir das questões de gênero	<p>1. <i>Gênero e família</i> <i>“A família é a ordem inicial de toda sociedade...”</i></p> <p>2. <i>Não aceitação do pai em relação a mudança de sexo da filha.</i> <i>“Deus fez o homem e a mulher...”</i></p> <p>3. <i>O papel da mulher nas novas configurações familiares</i> <i>“...o trabalho passou a ser em dobro e todos devem ajudar...”</i> <i>“...o homem não é mais o único supridor do lar...”</i> <i>“...a ocupação feminina tem sido mais frequente no comando do familiar...”</i></p>
(b) A mulher entre o público e o privado	<p>1. <i>Questão de gênero: representatividade é importante?</i> <i>“...as mulheres representam ainda um número reduzido na política...”</i> <i>“...há uma falta de interesse por parte das mulheres...”</i></p> <p>2. <i>Representação da mulher na política.</i> <i>“...a lei exige 30% de mulheres nos partidos...”</i></p> <p>3. <i>A verdadeira identidade da mulher</i> <i>“...piriguete: Feminilidade e comportamento sexual exagerados reforçam hegemonia masculina”</i></p> <p>4. <i>Gláucia Villas Bôas e sua vocação para as Ciências Sociais</i> <i>“...a Sociologia é minha vida...”</i></p>
(c) Espaços de poder	<p>1. <i>O papel da mulher nas novas configurações familiares</i> <i>“...agora sou eu e meus filhos...”</i></p> <p>2. <i>Gláucia Villas Bôas e sua vocação para as Ciências Sociais</i> <i>“...a Sociologia nasceu com ela”</i></p> <p>3. <i>Temas como assédio e aborto reacendem o ativismo feminino</i> <i>“...é crime matar um ser em formação...”</i> <i>“...igualdade e respeito andam juntas sejam homens ou mulheres...”</i></p> <p>4. <i>Mulheres encarceradas: cresce o número de prisioneiras no Brasil: estatísticas acendem o debate sobre direitos humanos e políticas antidrogas</i> <i>“...a vida tem que ser ganha de alguma forma...”</i> <i>“As mulheres na maioria das sociedades, se não em todas as sociedades, não têm acesso igualitário ao poder. Talvez tenham acesso a armas, mas não necessariamente ao poder e à dinâmica social que lhes dão a habilidade de cometer um assassinato.”</i> <i>“...lugar de mulher é onde ela quiser! É ingenuidade, para dizer o mínimo, imaginar que as mulheres são desprovidas de ambição e não almejam cargos de poder.”</i> <i>“...a antiga criminologia vinculava as tendências criminosas a fatores biológicos. O comportamento ilícito dos agentes era associado a fatores naturais, como a maior agressividade masculina, ou a força do homem...”</i> <i>“... as razões que explicam por que há uma quantidade maior de assassinos homens do que mulheres têm raízes sociais e culturais e não tanto biológicas...”</i></p>

Fonte: Pesquisa da autora (04/2018).

4.2.1 Discriminações sociais a partir das questões de gênero

A reportagem de julho de 2017 traz afirmação da repórter declarada pelo pai que diz *A família é a ordem inicial de toda sociedade*, porém a família composta de sete componentes de repente despenca para seis, quando o pai não aceita a mudança de sexo da filha, e ainda afirma a sua não aceitação ao dizer que *Deus fez o homem e a mulher...* A discriminação desse pai vem da construção que permite à medicina informar aos pais que seu bebê nasceu e foi designado como menino ou menina a partir do conjunto de órgãos, ou seja, da questão biológica. A partir daí, a construção de identidade começa a se estruturar na questão dos órgãos. Nesse momento, o papel da mãe passa por uma transformação, o pai deixa a família e a mãe toma o lugar de chefe da família, e por isso, [...] *o trabalho passou a ser em dobro, e todos devem ajudar...; [...] o homem não é mais o único supridor do lar [...] e [...] a ocupação feminina tem sido mais frequente no comando do familiar [...] fazendo referência aos filhos e à mãe que agora participam do sustento do lar.*

No momento atual passamos a usar a palavra gênero, porém ainda presos à questão biológica. Scott (1990) argumenta que o conceito de gênero foi criado com a ideia biológica nas relações entre os sexos com o cunho social, que deveriam ser entendidos de forma separada, mas não com caráter preconceituoso, diferenciador. A autora também acredita que quem vier a estudar a questão de gênero não pode deixar de lado o aspecto da identidade dos indivíduos, pois é uma maneira de relacionar a identidade com os aspectos culturais e sociais.

A reportagem traz como elementos a questão de como os pais deveriam falar sobre o assunto com seus filhos e também quanto à diversidade vivida tanto no entorno como na escola e em casa. Palma & Strey (2015) declaram que o cenário da família mudou, e por isso a noção de família precisa ser ampliada e entendida dentro da própria sociedade e também nas escolas.

Essas reflexões iniciais sobre gênero e família, a não aceitação do pai e o papel da mulher nas novas configurações familiares, a partir de recortes dos textos das matérias em análise, nos possibilitam inferir que a discriminação social a partir das questões de gênero, está pautada em questões biológicas e em um discurso médico, muitas vezes discriminatório, desconsiderando que se trata de uma construção cultural e social.

4.2.2 A mulher entre o público e o privado

Em *Questões de Gênero: representatividade é importante?*, publicação que saiu em agosto de 2016, época de preparação para as eleições no Brasil, em que se discutia o fato do número de homens na política e o pouco

interesse das mulheres na vida pública, questiona-se também o fato de ter um mínimo de mulheres para a representação na legenda, que era de trinta por cento, e a necessidade de fazer com que as mulheres participem da política.

Miguel (2001) argumenta que para ampliar a participação da mulher é necessária uma afirmação moral entre homens e mulheres, pois a ela sempre é atribuído o papel de responsável pelo lar. Trata-se de construções sociais, culturais e históricas que devem ser desnaturalizadas.

Quanto à publicação *A verdadeira identidade da "piriguete": feminilidade e comportamento sexual exagerados reforçam hegemonia masculina*, da edição de dezembro de 2016, aponta-se para a questão da mulher estar mais preocupada com seu visual e importância consigo mesma, do que quanto ao emprego e sua aparência.

Em contraposição a essa questão, um exemplo recente foi dado nos jornais, mencionando que em Brasília, capital do Brasil, existem mais mulheres na vida pública que homens. A intenção dessas mulheres é ter uma vida própria, de independência e se firmarem como cidadãs que são. E, com isso, a atitude dessas mulheres reforça o fato de que o homem está deixando de ser o detentor do poder em espaços de trabalho e profissões.

Em *Gláucia Villas Bôas e sua vocação para as Ciências Sociais*, é destacada sua expressão “[...] a Sociologia é minha vida”, mencionando-se que a Sociologia nasceu com ela, salienta-se o espaço conquistado por ela na área acadêmica. A área educação sempre foi um espaço também de mulheres, porém com direcionamentos específicos, como a Pedagogia, que formava professores, e Letras, para formar docentes na área de línguas e outras. Agora Bôas declara em um sentido de que a Sociologia era um revés mais para os homens, que estudavam a sociedade de forma machista. E sua inserção vem mostrar um espaço que agora pode ser colocar a mulher em igualdade com o homem.

Mesmo havendo controvérsias nas abordagens apresentadas nas matérias da revista, nota-se um movimento do lugar ocupado pela mulher nos espaços públicos e privados, possibilitando desnaturalizar a questão de gênero, a partir do deslocamento desse lugar, problematizando o tema nas aulas de Sociologias.

4.2.3 Espaços de poder

Na matéria *O papel da mulher nas novas configurações familiares*, destaca-se a fala [...] *agora sou eu e meus filhos [...]*, notando-se como vêm ocorrendo as relações de poder, a partir da questão de gênero, na qual a mulher, com as novas configurações familiares, parece co-

locar-se em uma posição diferente do que até a pouco podia se observar, situando-se como chefe de família. A configuração familiar na qual se tem a família constituída por pai, mãe e filhos, que tem sido encarada como natural, pode ser desnaturalizada a partir de novas configurações. Em relação a essas questões, Arruda (1996, p. 9) destaca:

Junto a uma igualdade fundamental existem também diferenças que configuram a identidade característica da masculinidade e da feminilidade. Estas diferenças não estão radicadas em certas “imagens” da mulher construídas sobre a base de diferenças estereotipadas: o homem seria racional, ativo, dominante, enquanto a mulher se apresentaria sentimental, passiva, submissa. A mulher sabe pensar com lógica, da mesma forma que o homem está chamado a realizar-se na entrega. Assim, a idêntica responsabilidade social do homem e da mulher justifica plenamente o acesso desta às tarefas públicas.

Na edição de janeiro de 2016 tem-se *Glaucia Villas Bôas e sua vocação para as Ciências Sociais*, que é uma socióloga e professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro e que escreveu vários livros sobre vários temas. Ela declara que a *Sociologia nasceu com ela*, e fala sobre sua visão de como a Sociologia é hoje, apontando a amplitude de temas abordados, e por isso a importância do cuidado com essa disciplina, já que tudo é passível de estudo. No passado a mulher não entrava em questões de cunho social, mas hoje existem muitas mulheres sociólogas.

Na matéria *Temas como assédio e aborto reacendem o ativismo feminino*, é problematizado sobre até que ponto a mulher é dona de seu corpo e em que situações o aborto deve ser permitido, trazendo uma discussão entre o posicionamento da Igreja, que é contra o aborto, pois considera que a conscientização é a meta, e na declaração de que [...] *é crime matar um ser em formação [...]*. E ainda discute a questão do assédio, cada vez mais presente em todos os lugares, escola, trabalho, rua etc., afirmando que muitas mulheres ficaram caladas após sofrerem ameaças com esse tipo de ação. Salienta ainda que essas situações vêm sendo mostradas depois de anos e muitas vezes sem provas.

O *ativismo feminino* vem crescendo cada vez mais, e a mulher tem se colocado à mostra frente a questões de seu sexo. Ela sente que não pode ficar parada aguardando que decidam por ela. Está na hora de fazer valer batalhas começadas no passado, uma vez que [...] *igualdade e respeito andam juntas sejam homens ou mulheres [...]*.

São significativas as mudanças pelas quais a mulher tem passado que vêm se transformando aos pou-

cos, e que faz com que ela veja muito mais que as paredes de seu lar. Como afirma Barracho (2006, p. 2):

Quando o sistema confiou a nova tarefa da educação dos filhos, viu-se estrangido a abrir-lhe, ao mesmo tempo, o mundo da instrução e da cultura. Foi então que a mulher se descobriu “MULHER”, inquieta, buscando, em processo [...]. Lutando contra as regras que ferem o ser.

Em *Mulheres encarceradas: cresce o número de prisioneiras no Brasil: estatísticas acendem o debate sobre direitos humanos e políticas antidrogas*, datada de janeiro de 2016, percebe-se a quantidade de mulheres presas por servirem de “mulas” de contrabandistas para o sustento de suas famílias. Muitas dessas mulheres estão grávidas e passam a ter seus filhos nas penitenciárias. Encarceradas, elas começam a pensar no que fizeram e na ilusão do dinheiro que iriam receber pelo trabalho feito. A matéria é encarada como muito séria, tendo em vista que a droga vem causando não só a violência, mas um aumento da população carcerária feminina e masculina. A referida matéria aponta que, ao entrarem no crime, as mulheres se equiparam aos homens em relação a essa prática, principalmente no que se refere ao uso e ao tráfico de drogas. Nesse sentido, as mulheres declaram que a *vida tem que ser ganha de alguma forma*.

A matéria apresentada acima ainda traz a seguinte afirmação: *As mulheres na maioria das sociedades, se não em todas as sociedades, não têm acesso igualitário ao poder. Talvez tenham acesso a armas, mas não necessariamente ao poder e à dinâmica social que lhes dão a habilidade de cometer um assassinato*. Nesse sentido, pode-se tomar por base Bourdieu (2007) ao afirmar que homens e mulheres são influenciados pelas transformações que acontecem na sociedade. Elas partem do cognitivo, e tomam forma nas leis, convenções e outras, vindo por sua vez tomar forma no mundo real, como é o caso das mulheres e homens que vêm a cometer crimes.

Outro exemplo é a entrada das mulheres na política. Na mesma matéria pode ser observada a seguinte afirmação [...] *Lugar de mulher é onde ela quiser! É ingenuidade, para dizer o mínimo, imaginar que as mulheres são desprovidas de ambição e não almejam cargos de poder*. Na perspectiva apresentada na matéria, pode-se perceber que as mulheres, assim como os homens, têm os mesmos direitos e deveres. Muitas funções públicas vêm sendo ocupadas por mulheres, não cabendo, nessa lógica a discussão de espaços de ocupação. Mesmo no espaço privado, as relações vêm sendo ressignificadas, ou seja, homens e mulheres ocupam espaços de igualdade no setor privado e público.

Aponta-se aqui a importância de desnaturalizar certas questões, possibilitando reflexões sobre os estereó-

tipos relacionados à questão de gênero, entre outros. A preocupação a respeito desse assunto é questionar se não estão sendo reafirmados certos estereótipos ao se fazer determinadas afirmações. Nesse sentido, é relevante questionar-se o que está pronto, enraizado, sendo possível oferecer-se aos alunos, através do ensino de Sociologia no ensino médio, a ampliação de seus conhecimentos e a problematização do que é tido como natural, mas é construído socialmente.

Como afirmado anteriormente, a conduta é algo que vem sendo transformado de tempos em tempos, e é durante o crescimento que o homem vai aperfeiçoando suas relações e definindo seu papel na sociedade.

Pode-se problematizar essa questão a partir de uma das edições da revista pesquisada, que apresenta a seguinte afirmação [...] *a antiga criminologia vinculava as tendências criminosas a fatores biológicos. O comportamento ilícito dos agentes era associado a fatores naturais, como a maior agressividade masculina, ou a força do homem [...]*. Neste trecho, percebe-se que as tendências criminosas eram ações ligadas ao homem. Hoje as mulheres fazem parte dessas estimativas, são encarceradas por razões iguais aos homens, porém não em quantidade igual, o que não diminui sua parcela no crime. Portanto, é certo que as representações sociais de uma mulher dona de casa e submissa mudaram. Entretanto, embora o cenário tenha mudado, a criminalidade feminina tem sido pouco estudada pelos criminalistas e é ainda tratada de forma genérica, ou seja, sem especificar suas causas e problemas. Alguns criminalistas pensam que a questão se deve ao fato do preconceito com relação à mulher, que a criminalidade feminina não se equipara em quantidade a do homem, e, por isso, não é relevante.

Alves (1995) argumenta que, se fossem colocados casos como os abortos, infanticídios e prostituição nas estatísticas, certamente não haveria diferença na delinquência entre homens e mulheres. No trecho de uma das revistas tem-se que: [...] *as razões que explicam por que há uma quantidade maior de assassinos homens do que mulheres têm raízes sociais e culturais e não tanto biológicas [...]*. Com efeito, na área judiciária também temos uma influência social, sendo que as relações de dominação do homem preponderam sobre a da mulher. Bourdieu (2005) refere-se ao princípio de perpetuação entre a dominação que acontece dentro da unidade familiar, da escola, do Estado e de outros lugares.

4.3 AS CATEGORIAS DE ANÁLISE NO ENSINO DA SOCIOLOGIA

O objetivo deste artigo foi analisar a revista Sociologia & Ciência em suas matérias em específico no que

se relacionavam à questão de gênero, e, como nenhum material pode ser simplesmente usado em sala de aula sem uma aplicabilidade, a análise das categorias foi importante para que essa especificidade tivesse um direcionamento no uso da sociologia. Pois o gênero tem suscitado muitas dúvidas na sociedade, e, pelo que se tem notado, somente especialistas da área podem esclarecer muitas dúvidas que temos. Na escola, nem sempre se busca uma aprendizagem dos conteúdos que estão mais na atualidade. Na verdade nos parece que estes assuntos, como é o caso do gênero, ainda estão muito crus, porque não é simplesmente dizer que se é macho ou fêmea e vice-versa. A questão é bem mais profunda do que se imagina, a parte biológica conta, mas a psicológica, a sociológica, a histórica e outras precisam ser abordadas. A sociologia vem na sala de aula ampliar esse estudo, e não se trata de aceitação como alguns professores dizem, é, sim, respeito, neutralidade, possibilitar o opinar, mas sobretudo entender o que se passa nas cabeças dos indivíduos da sociedade líquida em que vivemos e sem julgar.

A categorização utilizada aponta para o que se quer com aquela turma, qual contribuição essas matérias vão trazer para aquele grupo em específico, pois a aprendizagem não é um jogo de empurra-empurra. Os materiais usados precisam de análise constante, e é o que foi feito, organizar matérias que tivessem cunhos sociológicos e, a partir disso, interpretar sua condição sociológica na vida atual para determinado grupo.

Seria muito simples dizer que a mulher ocupa um espaço na sociedade sem fazer um agrupamento de análises, como por exemplo, que ela deve ser mãe, ou que sua relação de trabalho, familiar é assim e assado. Essas especificidades preparam um trabalho, machista, tradicional para alguns. Mas a sociedade atual exige uma consciência diferenciada, consciente, direcionada para a sociologia em sala de aula. Pegar temas atuais como a gestão de gênero, o empoderamento, são pontos específicos que podem auxiliar o ensino. Tudo se resume em categorias de análises realmente direcionadas à sala de aula. A evolução não tem volta, e o professor deve e pode dar ênfase ao material a sua volta embasado no contexto da turma. Os níveis educacionais: currículo, gestão escolar, organização da sala de aula, tipos de atividade e, claro, o próprio jeito de avaliar a turma. A parceria que se quer é equilíbrio entre gêneros, que é o trabalho da sociologia no ensino médio. Ensinar e aprender é exatamente incluir e cooperar, com doses de respeito sempre. Categorizar é o que melhor se faz quando se trata de revistas. Assim acabamos por não apontar materiais que não comportam conteúdos desnecessários.

5 CONCLUSÃO

O estudo de Sociologia no ensino médio, assim como de outras ciências humanas – Filosofia, Psicologia, Antropologia, etc. –, contribui na formação do jovem não só com o conhecimento de dados histórico-científicos, mas também apurando seu senso crítico e de questionamento.

O que é tido como natural deve ser desnaturalizado, e a Sociologia vem trazer isso, ensinar ao jovem como se tornar um cidadão reflexivo no seu cotidiano, pois é importante opinar. E como é sabido, é difícil não se deixar influenciar pela mídia, e cada indivíduo observa o que está a sua volta, e não são raras as vezes em que os professores influenciam seus alunos ao opinarem em suas aulas. Nessa perspectiva, faz-se necessário a neutralidade apontada para a reflexão do alunado.

Por isso a importância de se ter um professor investigador, que busque os recursos disponíveis, que possam ser utilizados como material de apoio à sua aula. Nesse sentido, as revistas e mídias em geral podem ser um material muito útil, daí a pesquisa nos materiais disponíveis no cotidiano. Assim a análise feita das onze edições da revista *Sociologia online* trouxe uma amostragem do que pode ser feito para apoiar não só a Sociologia, mas todas as áreas do conhecimento.

A revista analisada trouxe a questão de gênero em várias matérias, possibilitando eleger como categorias de análise: as discriminações sociais a partir das questões de gênero, a mulher entre o público e o privado e espaços de poder. E também a pouca exploração do tema, vistas as controvérsias percebidas nas famílias e na sociedade em geral. A escola como um espaço de exploração e reflexão encontra-se com pouco estudo sobre o tema, principalmente pela falta de saber como chegar a ele e de explicar aos pais. Percebe-se também que até as pessoas “atingidas” pela questão não sabem explicar a sua própria condição, e daí a preocupação percebida nessas matérias e quiçá na sociedade que nos cerca. O tema exige muita pesquisa. Campanhas não são o bastante, pois percebe-se a inclinação nas pessoas para o afastamento influenciado pela mídia.

Na análise foi possível identificar uma variedade de abordagens sobre as questões de gênero, predominando uma tendência de tratá-las a partir de questões biológicas. Também se nota que o conceito está em movimento, sendo as matérias da revista material muito rico para ser usado para o ensino da Sociologia para o ensino médio. Tendo em vista a multiplicidade de material na *internet* e pelo fato de trabalhar em uma escola que tem, nos últimos anos, no cotidiano a realidade da questão de gênero, percebe-se a necessidade da discussão em

todas as disciplinas. E por ser a Sociologia mais próxima ao tema, é importante que o corpo docente seja o primeiro a explorar essa questão, e ainda usar as mídias digitais que se apresentam. Nesse sentido, é necessário estar-se atento, pois as revistas *online* têm um propósito, um público alvo ao editar tais matérias, o que pode acabar influenciando quem lê, formando opiniões.

A educação é pautada por desafios diários, e, com certeza, ela será mais transformadora se o fazer da escola estiver relacionado com as questões sociais, ou seja, se houver comunicação, produzindo a reflexão de professores e alunos. A qualidade da educação depende de um ensino e de uma aprendizagem prazerosos e que levem a reflexão.

Com o imediatismo da sociedade e com a falta de diálogo, acabamos recebendo informações sem a devida crítica, e, nesse sentido, acesso à crítica através do trabalho em sala de aula permite atingir os objetivos do ensino da Sociologia no ensino médio. No momento, as aulas de Sociologia não têm atingindo os objetivos de formar indivíduos reflexivos, observadores, conscientes e principalmente participativos da sociedade. Talvez uma opção seja a utilização de materiais como a revista *Sociologia Ciência e Vida*, pois, a maioria dos livros didáticos não prendem a atenção do aluno no seu cotidiano, já que são teóricos, não tendo relação com a vida do aluno.

REFERÊNCIAS

- ALVES, R. de B. **Ciência criminal**. Rio de Janeiro: Forense, 1995.
- ARRUDA, C. de M. C. Relação empresa-família: o papel da mulher. **Rev. adm. empres.**, São Paulo, v. 36, n. 3, p. 6-13, set. 1996. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75901996000300002&lng=en&nrm=isso>. Acesso em: 20 abr. 2018.
- BARRACHO, R. Nós mulheres no mundo ocidental: quem somos? **Jornal Agora**, v. 25, n. 1.976, 25 a 27/11/2006.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARREDA, V. Género y travestismo en el debate. In: OPIELA, C. V. **Derecho a la identidad de género**: Ley 26.743. Buenos Aires: La Ley, 2012. Disponível em: <<https://carlosfigari.files.wordpress.com/2014/03/figari-la-identidad-de-gc3a9nero.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2019.
- BERELSON, B. **Content analysis in communication research**. New York: Hafner, 1984.
- BITTENCOURT, C. M. F. Apresentação. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 471-473, dez. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022004000300007&lng=en&nrm=isso>. Acesso em: 21 abr. 2018.

- BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Unesp, 2004.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- BOURDIEU, P. **Razões práticas**. Campinas: Papirus, 2007.
- BRASIL. Lei n. 9394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), **D.O.**, Brasília, DF, 23 dez. 1996, p. 27.833. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 15 abr. 2018.
- BRASIL. Lei n. 11.684 de 02 de junho de 2008. **D.O.U.**, Brasília, DF, 03 jun. 2008, p. 1. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11684.htm>. Acesso em: 21 abr. 2018.
- BRASIL. **Lei n. 13.415, de 16 de fevereiro de 2017**. Altera as Leis nºs 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei n. 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei n. 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei n. 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm>. Acesso em: 21 abr. 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Brasília, DF: MEC, 2000. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2018.
- CAMPOS, C. J. G. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 57, n. 5, p. 611-614, out. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672004000500019&lng=pt&nrm=isso>. Acesso em: 19 abr. 2018.
- FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 2. ed., 18. impr. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- GIDDENS, A. **Sociologia**. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- GUEDES, M. E. F. Gênero, o que é isso? **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 15, n. 1-3, p. 4-11, 1995. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931995000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21 abr. 2018.
- LÉVI-STRAUSS, C. Raça e história. In: LÉVI-STRAUSS, C. (org.). **Diversidade das culturas**. 8. ed. São Paulo: Editora Presença. Universidade Hoje, 2006.
- MASETTO, M. T. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas: In: MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. (orgs.). **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 12. ed. São Paulo: Papirus, 2000. p. 133-173.
- MIGUEL, L. F. Política de interesses, política do desvelo: representação e “singularidade feminina”. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, n. 1, p. 253-267, 2001.
- MORAES, R. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.
- MORAN, J. M. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 6. ed. Campinas: Papirus, 2000.
- MORAN, J. M. **Desafios da televisão e do vídeo à escola**. 2002. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran>>. Acesso em: 21 abr. 2018.
- PALMA, Y. A.; STREY, M. N. A relação família e escola: a diversidade familiar compondo o contexto escolar. **Revista de Psicologia**, v. 24, n. 1, p. 1-17, 2015. Disponível em: <https://www.academia.edu/15399077/A_rela%C3%A7%C3%A3o_fam%C3%ADlia_e_escola_a_diversidade_familiar_compondo_o_contexto_escolar>. Acesso em: 18 mar. 2019.
- SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5, jul./dez. 1990.
- SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. **Educação e Sexualidade**, Salvador, 2009.
- SILVA, A. K. L. S. Diversidade sexual e de gênero: a construção do sujeito social. **Rev. NUFEN**, v. 5, n. 1, p. 12-25, jan./jul. 2013. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rnufen/v5n1/a03.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2018.
- SILVA, E. L. da S.; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed., rev. atual. Florianópolis: UFSC, 2005. Disponível em: <<http://www.portaldeconhecimentos.org.br/index.php/por/Conteudo/Metodologia-da-pesquisa-e-elaboracao-de-dissertacao>>. Acesso em: 18 abr. 2018.
- SOCIOLOGIA Ciência e Vida** – 08/2015 a 08/2017. São Paulo: Escala, 2015-2017.
- SWAIN, T. N. Feminismo e recortes do tempo presente – mulheres em revistas “femininas”. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 67-81, 2001.
- THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social ética na era dos meios de comunicação de massa. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- WAINER, J. Métodos de pesquisa quantitativa e qualitativa para a Ciência da Computação em “JAI 2007”, Jornada de Atualização Informática. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE COMPUTAÇÃO, 28., 2007. **Anais [...]**. Disponível em: <www.inf.ufpr.br/sbbd-sbsc2014/downloads/ANAIS_SBSC2014_Anais_Completo.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2018.